



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA BAIANO –
CAMPUS SERRINHA

RAYELE PEREIRA DE CARVALHO

PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS/AS ACERCA DA CASA DE FARINHA
COMUNITÁRIA DA MOMBAÇA - SERRINHA/BA

SERRINHA - BA

2023

RAYELE PEREIRA DE CARVALHO

**PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS/AS ACERCA DA CASA DE FARINHA
COMUNITÁRIA DA MOMBAÇA - SERRINHA/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Baiano-*Campus* Serrinha, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

Orientador (a): Dra. Ariana Reis Messias
Fernandes de Oliveira

SERRINHA - BA

2023

Carvalho, Rayele Pereira de
C331p Percepção dos associados/as acerca da casa de farinha comunitária de
Mombaça/ Rayele Pereira de Carvalho.- Serrinha, Ba, 2023.
49p.; il.; color.

Inclui bibliografia.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Gestão
de Cooperativas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Baiano – Campus Serrinha.

Orientadora: Profa. Dra. Arianne Reis Messias Fernandes de Oliveira.

1. Mandioca. 2. Gestão. 3. Agricultura familiar. 4. Associativismo. I.
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano. II. Oliveira,
Arianne Reis Messias Fernandes de (Orient.). III. Título.

CDU: 334

RAYELE PEREIRA DE CARVALHO

**PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS/AS ACERCA DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA
DA MOMBAÇA - SERRINHA/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - *Campus Serrinha* como requisito parcial para obtenção do Título de Tecnólogo em Gestão de Cooperativas.

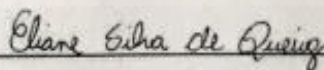
APROVADO EM 08 / 05 / 23

BANCA EXAMINADORA



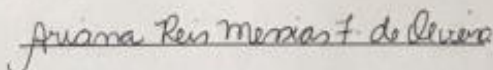
Maria Auxiliadora Freitas dos Santos

IF Baiano campus Serrinha



Eliane Silva de Queiroz

IFBaiano campus Catu



Ariana Reis Messias Fernandes de Oliveira

IFBaiano campus Serrinha

SERRINHA - BA

2023

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, à minha família, por ter me ensinado a lutar pelo meu futuro e pelos meus sonhos, pelo constante apoio em todos os momentos de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por me oportunizar percorrer toda essa trajetória e chegar ao tão desejado objetivo. Agradeço à minha família que sem ela dificilmente conseguiria chegar até aqui. Minha gratidão em especial a minha Mãe, Jucileide Sena Pereira, mulher rural, mãe e agricultora, que diante das dificuldades sempre procurou proporcionar o melhor para os seus filhos através da educação, e ao meu pai José Raimundo Silva de Carvalho, que juntamente com minha mãe são os primeiros formadores de caráter e educação moral, deixando para a “escola” o papel de formar profissionalmente. As minhas colegas de curso, Hélen, Irís e Maria Rosiany por estarem sempre dando o suporte necessário. Minha gratidão a todos vocês!

Agradeço imensamente à minha orientadora Ariana, que aceitou o convite para percorrer comigo este processo e por sempre estar disposta a sanar as dúvidas existentes. Ao corpo docente do Curso de Gestão de Cooperativas do Instituto Federal Baiano-*campus* Serrinha, a todos os outros professores que foram disponíveis e acessíveis, para ajudar no que fosse necessário. Ao corpo não docente. Meus agradecimentos a turma de Gestão de Cooperativas por fazer das nossas noites acadêmicas algo único e especial, pelas vivências, experiência e nossas inesquecíveis descontrações.

Para finalizar deixo meus agradecimentos às pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram nesta caminhada de tamanha importância para minha vida pessoal e profissional. Meus sinceros agradecimentos!

“Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos. ”

Paulo Freire

CARVALHO, Rayele. PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS/ÁS DÁ ACERCA DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA DA MOMBAÇA - SERRINHA/BA

. ____ p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Cooperativas) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Serrinha*, Serrinha, BA, 2023.

Resumo

Este trabalho apresenta o resultado de uma análise das contribuições da Associação Comunitária da Mombaça na implantação de uma Casa de farinha comunitária, e quais contribuições essa Casa de farinha trouxe para a comunidade da Mombaça, Zona Rural do município de Serrinha - Bahia. A pesquisa foi realizada a partir de observações e análise de uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas, utilizando a matriz fofa destacando os pontos fortes e fracos da organização, em conjunto com a árvore de problemas procurando o principal problema da mesma, organizada numa linguagem coerente com a usada na comunidade. A entrevista aconteceu de forma espontânea com os associados da casa de farinha, visando a coleta de dados para análises e estudos. Após serem analisados os resultados, ficou evidente tanto a importância da Associação na implantação da Casa de farinha, quanto a satisfação dos agricultores com a implantação da casa de farinha facilitando a fabricação do produto, acelerando a produção e possibilitando a criação do grupo de mulheres, sendo de suma importância para o desenvolvimento da comunidade.

Palavras-Chave: Mandioca, Gestão, Agricultura Familiar, Associativismo.

CARVALHO, Rayele. PERCEPÇÃO DOS MEMBROS/AS DA ASSOCIAÇÃO DA MOMBAÇA ACERCA DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA DA MOMBAÇA

. ____ p. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gestão de Cooperativas) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – *Campus Serrinha*, Serrinha, BA, 2023.

Abstract

This work presents the result of an analysis of the contributions of the Community Association of Mombaça in the implantation of a community flour house, and what contributions this flour house brought to the community of Mombaça, Rural Area of the municipality of Serrinha - Bahia. The research was carried out based on observations and analysis of a semi-structured interview with open questions, using the soft matrix highlighting the strengths and weaknesses of the organization, together with the problem tree looking for the main problem of the same, organized in a language consistent with that used in the community. The interview took place spontaneously with the associates of the flour mill, aiming to collect data for analyzes and studies. After analyzing the results, it was evident the satisfaction of the farmers with the implementation of the flour house, facilitating the manufacture of the product, accelerating production and enabling the creation of the women's group, being of paramount importance for the development of the community.

Keywords: Cassava, Management, Family Farming, Associativism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Foto do Mapa do Território do Sisal. Fonte: IBGE, 2007	25
Figura 2. Foto da fachada da Associação Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, 2023.	28
Figura 3. Momento da aplicação da ferramenta FOFA, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023	28
Figura 4. Momento de interação durante a aplicação da ferramenta FOFA, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.	30
Figura 5. Esboço do resultado da aplicação da árvore de problemas na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, 2023.	32
Figura 6. Momento de interação durante a aplicação da Árvore de Problemas, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.	33
Figura 7. Momento de interação durante a aplicação da Árvore de Problemas, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.	34
Figura 8. Fachada da casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	35
Figura 9. Descascador de mandioca, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	37

Figura 10. Prensa hidráulica, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	38
Figura 11. Peneira elétrica, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	39
Figura 12. Desintegrador (moinho), na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	39
Figura 13. Ralador automático, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	40
Figura 14. Forno elétrico, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	41
Figura 15. Cochos para armazenagem, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	41
Figura 16. Extrator de goma, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo Geral.....	15
2.2. Objetivos Específicos.....	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
4. METODOLOGIA.....	24
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
5.1 Associação Comunitária da Mombaça	26
5.2 Árvore de Problemas	30
5.3 Casa de Farinha Comunitária “Antes”	34
5.4 Casa de Farinha Comunitária “Depois”	34
5.5 Gestão da Casa de Farinha Comunitária da Mombaça.....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	433
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXO A	47
ANEXOS B.....	47

1. INTRODUÇÃO

A mandioca (*Manihot esculenta Crantz*) é uma cultura de base familiar do Brasil, o qual figura como um dos maiores produtores dessa cultura e também grande consumidor. A mandioca é cultivada especialmente por pequenos agricultores familiares de várias regiões, sendo suas raízes importante fonte de carboidrato, possibilitando uma gama de produtos como os biscoitos, beiju e a farinha de mandioca propriamente dita. Neste sentido há uma expressividade econômica em algumas regiões onde predomina a agricultura familiar, como no Estado da Bahia, além de ter grande relevância no contexto social.

O principal produto derivado da mandioca é a farinha, base alimentar de muitos Estados, principalmente na região Norte e Nordeste. O processamento da farinha de mandioca acontece de forma artesanal, produzida em espaços específicos nomeado como casas de farinhas, que estão envoltas em um contexto cultural de tradição familiar e comunitária, bem como inseridas em um cenário mais amplo no próprio imaginário social, de construção geralmente rústica, utensílios complexos e compartilhados por várias famílias que a cercam.

A farinha de mandioca é produzida a partir de raízes trituradas e torradas, antigamente em fornos de chapas abertos. Mas, atualmente, algumas casas de farinhas utilizam também os fornos elétricos, onde o processo térmico promove uma gelatinização dos amidos presentes na massa ralada que, aglomerando os tecidos fragmentados das raízes, dão a característica de um pó de granulometria variada e sabor característico, agradável e de boa sensação tátil na boca (AGOSTINI, 2006).

O processamento da farinha de mandioca, que ocorre de forma artesanal nas casas de farinha, utiliza matéria-prima e mão-de-obra proveniente da agricultura familiar, e grande parte está localizada no próprio local de produção da matéria-prima. Nestes estabelecimentos, cada produtor segue um processo próprio de fabricação da farinha (SOUZA *et al.*, 2008). Muito tradicionalmente as casas de farinhas estão presentes no interior do Nordeste, fortemente ligadas com a agricultura familiar e começam pouco a pouco, onde algumas são utilizadas apenas por parentes, geralmente por pai, filhos e primos; já a casa de farinha comunitária não tem um dono específico, pois, a mesma é de benefício para todos os moradores e favorecem de forma coletiva, onde todos são donos e responsáveis pela mesma.

Em pequenas zonas rurais existe uma forte desvalorização da farinha, tanto por parte dos produtores quanto daqueles que consomem. O trabalho feito a mão para a produção da

farinha artesanal é árduo e com baixo retorno financeiro. As casas de farinha são um dos patrimônios culturais mais antigos do Brasil e que lutam para seguir mantendo-se em pé com sua forma tradicional de produzir, mediante aos concorrentes industriais que fazem a produção mecanizada e proporcionalidade. A forma da produção da farinha de mandioca existe desde os povos indígenas, realizada artesanalmente, mas com o passar do tempo, houve mudanças, como implantação de maquinários na produção em algumas casas de farinha, como por exemplo na torragem da farinha que era feita em forno de chapa exposta e que passou a utilizar os fornos elétricos, juntamente com os lavradores descascadores, em que é necessária apenas a retirada dos “troços” manualmente da raiz de mandioca, logo após passando por outros itens, como raladores automáticos, peneiras elétricas, prensas, itens auxiliares, raladores, trituradores de massa prensada e uniformizadores de massa pré-cozida. Desse modo, há divergências na aplicação dessa mecanização na produção da farinha, onde a falta de capacitação para a saber manusear os maquinários.

A principal justificativa para a escolha de objeto de estudo é por minha vivência no meio rural e por residir na comunidade de Camiranga, zona rural do município de Serrinha - Bahia, e por ser filha de pequenos agricultores rurais que sempre cultivaram a mandioca para consumo e comercialização, também vivência dentro das casas de farinhas raspando mandioca e aprendendo novos conhecimentos com as pessoas mais experientes, desse modo, acompanhando todo o processo de plantação que se inicia pela escolha da maniva e plantação, limpas¹, cultivo depois de doze meses, colheita, logística para a casa de farinha, raspagem, trituração, secagem até chegar ao processo final de torragem, para enfim, estar pronta para o consumo.

Vale ressaltar, que essa escolha se faz pela necessidade de investigar as tecnologias que foram inseridas e como elas possibilitaram que o trabalho se tornasse menos cansativo, e de qual forma tem sido implantada dentro da tradição da fabricação de farinha pelas famílias dos agricultores.

A vida na zona rural agrega experiências e vivências importantes para o crescimento do ser humano, tanto pessoal quanto profissional, mostrando a importância do trabalho coletivo. Por ter pais associados à associação da comunidade, observava de perto a interação em fortes relações de reciprocidade e ajudas mútuas nos trabalhos rurais e troca de saberes na agricultura familiar, porém, pode-se destacar o enfraquecimento com o passar dos anos das relações de

¹ Retirada das ervas espontâneas, por meio de capinas.

reciprocidade que criou impasses para a produção da farinha de forma tradicional, as dificuldades enfrentadas na produção da farinha de mandioca e desvalorização da sociedade diante do produto, por necessitar passar por diversas etapas e longos dias de trabalho para obter a farinha a granel, no fim os agricultores não recebem o valor justo, muitos acabam tendo apenas o valor para cobrir os custos.

Como estudante e pesquisadora, esse estudo se faz com enaltecimento, pois, tem um olhar minucioso buscando contribuir e facilitar o trabalho dos agricultores e alcançar o reconhecimento necessário como produtores da farinha de mandioca na valorização dos seus esforços.

O atual trabalho procurou expor a realidade especificamente da casa de farinha comunitária de Mombaça, das mudanças entre a casa de farinha artesanal e comunitária, torna-se evidente, que a farinha de mandioca é um produto desvalorizado no mercado diante da sociedade, no entanto é perceptível analisarmos as possibilidades de novas formas de produzir o produto de forma menos trabalhosa e pensar em outras formas de organização do trabalho com meios tecnológicos dentro de um espaço de produção compartilhado, repensando a forma de gestão, a partir disso, tem-se a seguinte questão problema: Em que medida a implantação da casa de farinha comunitária tem contribuído para o fortalecimento dos produtores de farinha da associação comunitária de Mombaça, para assim então analisar quais os benefícios da associação com a inserção da casa de farinha comunitária para a consolidação dos fabricantes de farinha do povoado.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar as possíveis contribuições da Associação Comunitária na implantação da casa de farinha comunitária; assim como, analisar as contribuições da implantação da casa de farinha comunitária na comunidade Mombaça, município de Serrinha, para o fortalecimento dos produtores de farinha da Comunidade.

2.2. Objetivos Específicos

- A). Descrever como se dava o processo de produção da farinha de mandioca na comunidade;
- B) . Identificar mudanças no processo de fabricação da farinha a partir da implantação da casa de farinha comunitária, considerando os seguintes aspectos: tecnológico; organização do processo de produção, dinâmica de trabalho e gestão da casa de farinha;
- C). Identificar o papel da associação com a chegada da casa de farinha comunitária;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A IMPORTÂNCIA DAS CASAS DE FARINHA

O entendimento sobre a alimentação como um fenômeno pertencente ao modo de vida das populações, mostra a importância de compreender as dinâmicas que englobam os alimentos e em especial, no caso estudado, os alimentos tradicionais, sobretudo no espaço rural.

Segundo Proença (2010, p. 2), a alimentação “constitui uma das atividades humanas mais importantes, não só por razões biológicas evidentes, mas também por envolver aspectos econômicos, sociais, científicos, políticos, psicológicos e culturais”. As variações culturais, religiosas e políticas, permitem a construção de perfis de consumo, e a estipulação de diferentes valores atribuídos aos alimentos. No caso dos alimentos tradicionais, como a farinha de mandioca, pode-se dizer que são alimentos tradicionais aqueles produtos “com história, pois se constituem e fazem parte de um local e de uma determinada cultura, sendo produzidos com a matéria-prima local de uma determinada região” (ZUIN et al., 2008, p. 111).

No atual contexto de produção e consumo de produtos agroalimentares pergunta-se: será que estamos vivenciando no campo uma aculturação alimentar? Será que a insegurança alimentar é causada pela falta de alimentos no campo, ou será que estamos dissociando o campo como a fonte principal de nossa alimentação, ou seja, dando prioridade a alimentos provenientes da indústria? E nesse contexto, qual será o papel dos alimentos tradicionais para a sociedade? De acordo com Zuin (2008), os alimentos são partes indissociáveis da cultura, segundo ele.

O patrimônio cultural de um país, de uma região ou localidade, não é formado apenas por manifestações materiais como monumentos, documentos, lugares históricos, e obras de arte. Ele é constituído

também, por manifestações simbólicas ou sýgnicas (sic) (culinária) próprias de um grupo ou cultura (ZUIN, 2008, p. 116).

A região nordeste tem em muitos dos seus municípios uma situação de fragilidade econômica e social, principalmente nas zonas rurais. Tal situação é motivada, entre outros fatores, por secas prolongadas que não permitem aos agricultores cultivar em grande parte do ano, degradação do solo ocasionada pelo uso de queimadas e ainda, a fragilidade das políticas públicas direcionadas ao rural.

Contudo, por conta das dificuldades associadas às condições climáticas, existem aqueles cultivos que são mais resistentes à seca, e que podem ser associados com outros cultivos, a exemplo da mandioca. No Nordeste brasileiro a mandiocultura assume papel importante para as famílias rurais devido a sua versatilidade de usos e possibilidades de implantação comercial.

Existe uma gama de produtos provenientes do processamento da mandioca, muitos deles associados à produção industrial. Contudo, nos espaços rurais na região nordeste predomina a transformação da raiz em farinha, conforme lembra Cardoso (2003). Assim as casas de farinha se tornam um espaço central onde é realizada a maior parte das tarefas relacionadas com o processamento da mandioca (Velthen 2007). O trabalho de Rezende e Menezes (2013) discute em particular o estado de Sergipe, abordando a importância das casas de farinha no contexto dos espaços rurais. Naquela realidade para além da produção de farinha os autores destacam as diversas iguarias produzidas a partir do processamento artesanal da mandioca, entre elas “beijus de tapioca, sario, pé-de-moleque de massa puba, beiju malcasado, manauês (bolo feito à base de milho, arroz e mandioca)” (REZENDE e MENEZES, 2013, p. 285). Os autores apontam a produção artesanal associada a mandioca como um elemento determinante para a afirmação identitária de alguns municípios, com destaque para Itabaiana, assim a dinâmica de trabalho estabelecida nas roças, seguem um ritmo próprio. “Na zona rural do Sertão, as comunidades, as redes de proximidade, as relações familiares e interfamiliares, as prestações de ajuda mútua constituem formas de relacionamento e de organização ainda reguladas pela reciprocidade camponesa” (SABOURIN, 1999, p. 44).

A consideração do autor, ilustra a realidade estudada, pois a produção de farinha no Maciço de Baturité é uma atividade capaz de estabelecer laços de afetividade, pois possibilita essa dinâmica de integração familiares, agregando também, a ajuda de amigos e vizinhos. De acordo com a realidade paraense, estudada por Velthem (2007, p. 614) o preparo da farinha,

“congrega toda a família, os pais, filhos, genros e noras em funções diversificadas, e um trabalhador diarista, não aparentado, o 'cambiador', que tange o boi que puxa a carroça no transporte das mandiocas recém-arrancadas”. Ao analisar a divisão de trabalho na produção de farinha, considerando os diferentes atores envolvidos, matriarca, jovens, crianças e as mulheres, Sena (2006) evidencia que, a participação feminina é legitimada apenas em parte do processo, não sendo reconhecida sua atuação nas demais etapas de produção, principalmente no momento da comercialização da farinha que é tarefa do homem, assim como administração da renda obtida, que fica nas mãos do patriarca. O que mostra a necessidade de investigar questões de gênero no campo, sendo perceptível que ainda está muito evidente uma separação de atribuições consideradas “coisas de homem” e “coisas de mulher”. Os alimentos tradicionais envolvem distintas dimensões, sendo que em alguns casos, permanecem pelos processos afetivos envolvidos em sua elaboração. O beneficiamento da mandioca, embora seja um trabalho complexo e árduo, também carrega em si uma dimensão afetiva, pois permite que os integrantes da família e amigos da localidade se reúnam.

Silva (2015) afirma que as “transformações, tem de partir do campo, para o campo, sem importações de modelos, sem imposições, assim o produtor vai se modificando pela necessidade entendida por ele através da vivência, não é visto como fora da lógica do tradicional, pois a tradição é munida também pelos acréscimos” (SILVA, 2015, p. 14). No processo de adaptação da agricultura familiar e camponesa a novas dinâmicas, o tradicional beneficiamento da produção agrícola feito nas casas de farinha, também vem se transformando ao longo dos anos. Durante a pesquisa identificou-se adequação de casas tradicionais aos modelos industriais, visando maior produção e homogeneidade do produto no mercado. Na contramão dessa perspectiva, que exclui formas anteriores de fazer a farinha, em Barreira, encontram-se casas de farinha tradicionais. Tais espaços se constituem em um ambiente para a manutenção e difusão das práticas associadas à produção da farinha e também uma ferramentas para agregar valor à produção local, possibilitando ao agricultor beneficiar a mandioca próximo à área de cultivo, ocupando a mão de obra familiar, e agregando em momentos de pico, outros trabalhadores em diferentes regimes de trabalho, no qual é importante relacionar as ações associativistas que se preocupa com a participação e cooperação em torno de objetivos comuns.

3.2 FORMAS DO ASSOCIATIVISMO

Os seres humanos têm a necessidade de se reunirem e cooperarem, de acordo com essas necessidades surgiram as associações sem fins lucrativos para auxiliar a sociedade a obterem melhorias, com direto a expressão social, pois há alguns problemas que sozinho é mais difícil de enfrentá-los.

Ao longo da vida em grupo, as práticas de cooperação tornaram-se comuns em nosso cotidiano, como uma ação coletiva espontânea, natural, mas em algumas situações, a formalização surge como uma necessidade de organização da atividade humana. Dentre outras formas de organização em associativismo, como cooperativas e sindicatos, temos as associações (SENAR, 2011, p. 10).

O papel do associativismo na agricultura rural tem como objetivo a ação conjunta para desenvolvimento social, em busca de melhores condições sociais, econômicas, civis e morais, com fim de melhorar a qualidade de vida humana, ou seja, para melhorar a qualidade de vida de um determinado local.

Segundo Frantz (2002, p. 1) “o associativismo, com o sentido de co-operação, é um fenômeno que pode ser detectado nos mais diferentes lugares sociais: no trabalho, na família, na escola etc.” No entanto, predominantemente, a cooperação é entendida com sentido econômico e envolve a produção e a distribuição dos bens necessários à vida.

O associativismo é a potência estratégica apta a melhorar as condições de vida local da população em vários aspectos como em padrões de sociabilidade e identidade, interesses públicos, estilo de vida e entre outros. Dessa forma Ganança (2006, p.5), destaca “associativismo, teve sua importância enfatizada por Alexis de Tocqueville, ao declarar sua contribuição para o fortalecimento da democracia, visto que possibilita a agregação de interesses individuais permitindo a educação dos cidadãos e cidadãs para a prática e o convívio democrático, esse quesito é reafirmado por (BERTOLDO, 2015, p. 5) “O Associativismo é um instrumento vital para que uma comunidade saia do anonimato e passe a ter maior expressão social, política, ambiental e econômica.”

Prattes (2013), afirma que “o associativismo é o princípio para o crescimento de uma sociedade. Regido por princípios de autonomia, soberania popular e solidariedade, em virtude que a adesão é tão livre quanto a saída, é fundamentado na igualdade entre seus integrantes e representa os esforços dos associados em torno dos interesses do grupo.

Para Cardoso, Carneiro e Rodrigues (2014) “associação é toda iniciativa composta por pessoas físicas ou jurídicas com propósitos comuns, tendo em vista a geração de benefícios para os seus associados”. Podemos definir o associativismo como uma forma de organização social que se caracteriza pelo seu caráter normalmente de voluntariado, pela união de dois ou mais indivíduos que buscam o atendimento da satisfação das necessidades individuais humanas, ou seja, a melhoria da qualidade de vida (SENAR, 2015).

De acordo com Muñoz (2012) “relata que embora existam distinções entre associações e cooperativas no que diz respeito à constituição, legislação e finalidade, as formas de gestão e princípios organizativos são muitos semelhantes”. Segundo Cardoso, Carneiro e Rodrigues (2014) “às associações assumem os princípios de uma doutrina que se chama associativismo”. Esses fundamentos são reconhecidos no mundo todo e baseiam-se em várias formas que as associações podem-se expressar: cooperativas, sindicatos, fundações, organizações sociais, rede de empresas e clubes. O que diferencia a forma jurídica de cada tipo de associação são basicamente os objetivos que se pretende alcançar (CARDOSO, CARNEIRO e RODRIGUES, 2014).

3.2 FORMAS DE GESTÃO

Tendo em vista que as organizações sempre passam por mudanças em vários aspectos, a gestão torna-se um elemento chave, pois qualquer organização precisa não só de ser estruturada mas sobretudo de ser (bem) gerida para existir, responder às solicitações internas e externas e desenvolver-se, sendo elas organizações não governamentais, associações, escolas, ou universidades, gerir bem não só é controverso e às vezes contraditório como não é tarefa fácil, nomeadamente quando se toma em conta aspetos culturais, de valores e questões éticas.

A gestão é a prática de orientar os próximos passos da organização abordando vários domínios de funções a serem desenvolvidas, dessa maneira se aplica às funções clássicas da gestão: a direção, o planeamento, a organização e o controle, vale ressaltar que a gestão fundamenta-se em ferramentas e modelos que é de fundamental importância estudar antes de os aplicar, procurando sempre inovar, adquirir novas experiências no sentido de atingir os objetivos e cumprir a missão da organização de modo responsável e sustentável.

3.2.1 Autogestão

No quadro da gestão social, o termo autogestão refere-se à busca e à configuração de processos ou modos organizacionais justos e democráticos, no qual os participantes de uma organização coletiva (empreendimentos de economia solidária, por exemplo) estão ativos nos processos de tomada de decisão, atividades e controles organizacionais. Nestes tipos de organização os fins sempre são sociais, mesmo que os meios sejam econômicos. A autogestão busca formas coletivas de organizar e produzir determinado trabalho, no campo da administração de empresas, a autogestão é confundida com a ideia de administração participativa (FERRAZ e DIAS, 2008).

Desse modo, a autogestão preza a busca e a configuração de processos justos e democráticos, no qual os membros de uma organização coletiva estejam entrosados na tomada de decisões juntamente nos controles e atividades organizacionais, pois em organizações como essas os fins sempre são sociais. No âmbito das práticas socialistas, o conceito e as experiências de autogestão se desenvolveram na Iugoslávia quando esta se desvincilhou do modelo Soviético do planejamento centralizado e compulsório, constituindo um sistema econômico auto gestor nas empresas (ROUBAQUIM e QUINTAES, 1972; VENOSA, 1982).

As discussões sobre a autogestão no Brasil se destacaram no campo da economia solidária a partir dos anos 1990. Embora não haja consenso de que a autogestão seja condição básica para que um empreendimento seja considerado solidário (LISBOA, 2005).

A autogestão pode ser definida como gerenciar uma organização a fim de eliminar as hierarquias, ou até mesmo empresas que foram à falência e passaram a serem geridas por trabalhadores, nomeadas como "fábricas autogeridas", ou seja, são as formas organizacionais cooperativas que retomam a ideologia originária da autogestão, a autogestão engloba o meio social, político, econômico e técnico, ela marca o distanciamento das relações de subordinação e acena para a participação direta dos envolvidos.

Segundo Rigo (2008), a autogestão é um processo contínuo de experimentar novas formas de organizar o trabalho. O que não acontece sem desafios. Alguns desses desafios são: a) a autogestão como forma de manutenção do emprego e não como forma contestadora dos problemas da ordem econômica e social vigente; b) ausência de 'cultura autogestionária' entre os membros participantes do empreendimento, prevalecendo uma democracia baseada somente na contagem dos votos, e não num espaço de discussão e num debate democrático; e c) a falta de conhecimento sobre gestão que facilita a conversão para as estruturas e relações de poder.

No entanto, Berthier (2002) e Motta (1986) argumentam que o verdadeiro caráter da autogestão é dado pela organização geral da sociedade sob esse regime e, desse modo, tal forma de gestão ultrapassa os marcos estritos das reivindicações econômicas e sociais, buscando a liberação total da sociedade. É essa a perspectiva da autogestão que permeia as diversas escolas do pensamento anarquista.

3.2.3 Heterogestão

A heterogestão está relacionada a administração hierárquica, ou seja, por níveis consequentes de autoridades, nas quais as informações procedem de cima para baixo, desse modo, os trabalhadores de nível mais baixo sabem apenas o necessário para desenvolverem apenas as suas atividades do dia a dia de forma repetitiva. À medida que se sobe na hierarquia, o conhecimento sobre a empresa se amplia porque as tarefas são cada vez menos repetitivas e exigem iniciativa e responsabilidade por parte do trabalhador. Nos níveis mais altos, o conhecimento sobre a empresa deveria ser (em tese) total, já que cabe a seus ocupantes tomar decisões estratégicas sobre os seus rumos futuros. (SINGER, 2002).

Segundo Paul Singer (2002), a heterogestão, para atingir seus objetivos, tem de suscitar o máximo de cooperação entre os empregados, agrupados em seções, departamentos e sucursais. Competição e cooperação são, a rigor, incompatíveis entre si: se você coopera com seu rival, você o fortalece e ele pode vencê-lo na competição; se você não coopera com seu colega ou com o setor que depende de sua ajuda, a empresa inteira pode fracassar. Dentro dessa contradição a heterogestão funciona, sempre à procura de novas fórmulas que lhe permitam extrair o máximo de trabalho e eficiência do pessoal empregado.

A heterogestão tem seu espaço em quase todas as organizações no mundo com ou sem fins lucrativos, conhecida como uma das formas mais comum em gestão está ligada diretamente à autogestão, embora abordam de formas diferentes.

3.2.4 Gestão Participativa

Muito se tem discutido, sobre a gestão participativa nos tempos atuais, pelos gestores e estudiosos, pois tem impactos diretos dentro das organizações fazendo com que a gestão participativa se torne um dos fatores diferenciadores no mercado.

Na visão de Leite (2000), a administração participativa tem como objetivo aglutinar pessoas em organização com cooperação mútua, com o intuito de se alcançar a missão e os objetivos da unidade de produção de bens e serviços, para satisfazer as necessidades da humanidade, individual e coletivamente.

Segundo Paterman (1970, apud LEITE, 2000, p. 195) a gestão participativa consiste basicamente na criação de oportunidades para que as pessoas influenciem decisões que as afetam ou afetaram. Para o autor, essa influência pode variar pouco ou muito, onde a participação é um caso especial de delegação, na qual o subordinado obtém maior controle, maior liberdade de escolha em relação às suas próprias responsabilidades.

Não existe de fato a forma correta (padrão) de uma boa gestão, entretanto, com a gestão participativa há meios de novas possibilidades para solucionar problemas imprevisíveis, é importante salientar alguns autores que introduziram conceitos a respeito da gestão participativas nas organizações (Chiavenato, 2003; Vasconcelos & Júnior, 2000; Carvalho, 2010):

- Em meados da década de 1930, Chester Barnard divulgou uma teoria sobre a organização como um sistema cooperativo, cuja ênfase destacava a participação nos processos de cooperação.
- Herbert Simon, no final da década de 1950, publicou a teoria das decisões, a qual consiste em explicar que os indivíduos participam, de forma inteligente e perspicaz, nos processos de tomada de decisão.
- Por volta dos anos de 1960, os trabalhos exibidos por Douglas McGregor sobre a Teoria Y, enfatizavam concepções de “participação nas decisões e administração consultiva” (Chiavenato, 2003, p. 340).
- Rensis Likert, em 1961, também expôs entendimentos sobre Sistemas de Administração Consultivo e Participativo, os quais estimulavam a participação e o posicionamento de seus membros nos processos de tomada de decisões.

A gestão participativa e democrática requer maior abertura, diminuindo a importância das hierarquias e valorizando a utilidade dos membros no apontamento de soluções para os problemas organizacionais (Chiavenato, 2003). O poder deve ser dividido e partilhado entre os membros. Não deve ser empregado como forma de dominação e autoritarismo. Há grande incentivo ao trabalho coletivo. As experiências, a ética, o respeito, a cooperação e a

consideração pelas diferenças são fundamentais nos processos de gestão participativa (Chiavenato, 2003; Lück, 2010b).

A gestão participativa proporciona a descentralização das decisões, a cooperação mútua, reconhecimento, melhorias na comunicação, autoconfiança, interação, a inexistência de hierarquia e autoridade, unidade de esforços, vontade coletiva e união para se conquistar objetivos definidos de forma conjunta. Permite, igualmente, melhorar a fiscalização e a prestação de contas por parte dos representantes, promover a mobilização da comunidade, favorece a formação de consciências críticas, possibilita ampliar as soluções para os diversos problemas, eleva a satisfação e o espírito de equipe (Bordenave, 1994).

Na gestão participativa, os membros da organização se comportam como criadores e transformadores da realidade institucional, importam-se, envolvem-se e responsabilizam-se pelas decisões de forma conjunta e partilhada, inclusive por suas consequências, atuam num processo de aperfeiçoamento constante (Lück, 2010b).

4. METODOLOGIA

Este estudo foi realizado na Associação comunitária de Mombaça, a nove quilômetros do município de Serrinha, Bahia, localizada, nas coordenadas geográficas 11° 39' 51" S e 39° 00' 27" W, com cerca de 150 famílias que têm como renda de sobrevivência o cultivo da mandioca e produtores como feijão e milho durante o período do inverno, a casa de farinha comunitária atende às comunidades próximas, como Camiranga, Água boa e Mombaça de dó.

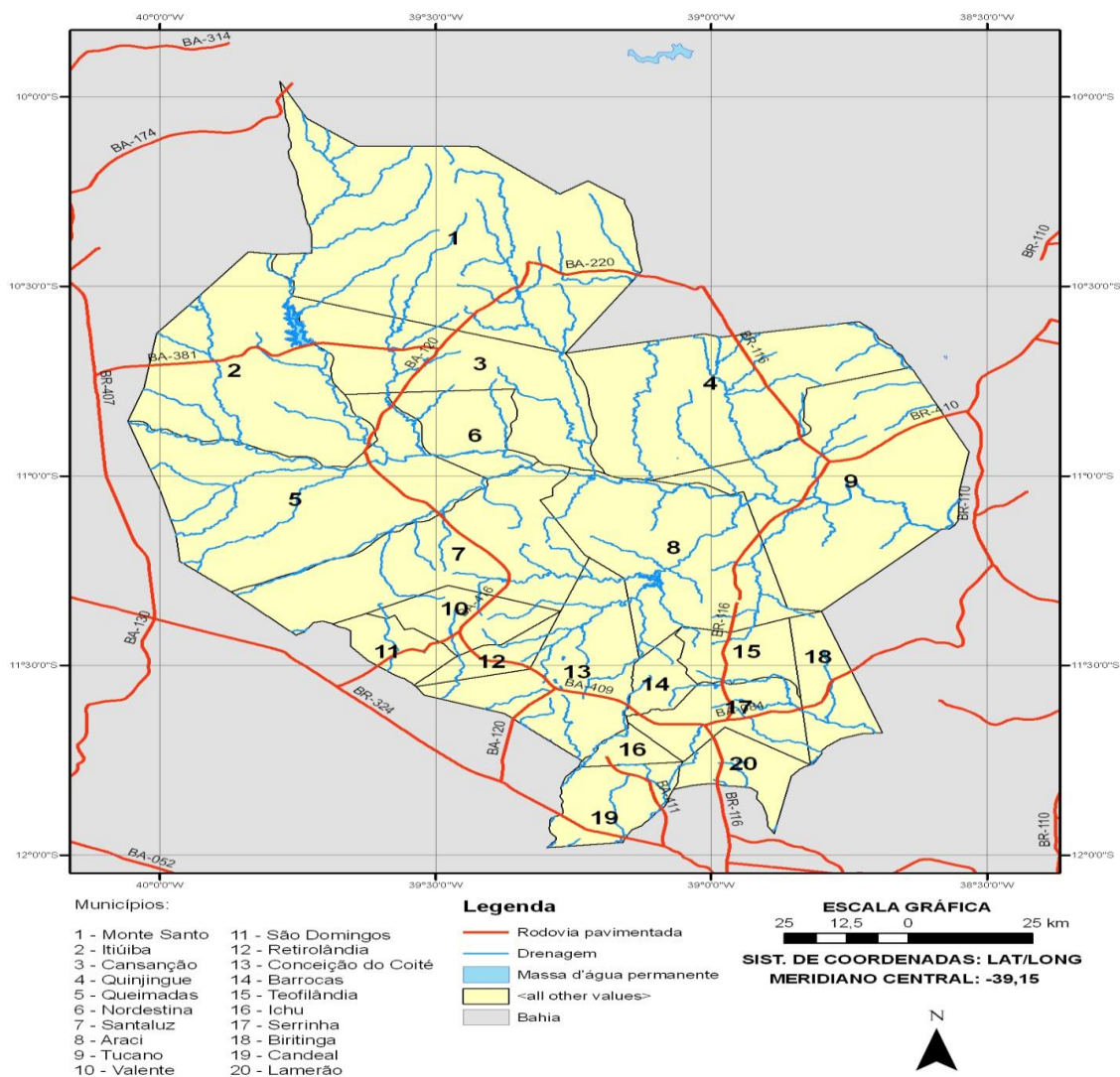


Figura 1: Mapa território do Sisal. Fonte: ibge, 2007. <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/territorios/territorio-sisal>.

A pesquisa caracteriza-se como de abordagem qualitativa, por trabalhar com pessoas que expressam opinião e ideias sobre o fator avaliado Gil (2002). Para obter melhores resultados de alguns fatores, a análise de amostra intencional será feita com o presidente da casa de farinha, o sr. Ailton e também foi realizada uma análise de caráter aleatório com os usuários e usuárias da casa de farinha da Mombaça.

Referente aos objetivos como: analisar as possíveis contribuições da implantação da casa de farinha comunitária e descrever como se dava o processo de produção da farinha de mandioca na comunidade, identificando as mudanças no processo de fabricação da farinha a

partir da implantação da casa de farinha na comunidade, essa pesquisa caracteriza-se como descritiva.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o questionário semiestruturado para o presidente e outro questionário para alguns associados (a). Foi utilizada também, para a coleta de dados, a ferramenta participativa FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), é uma ferramenta utilizada para fazer análise de contexto (ou de cenários), sendo usada como base para gestão e planejamento estratégico de uma organização social ou empresa, mas podendo, devido a sua simplicidade, ser utilizada para qualquer tipo de análise de gestão de organização. Segundo Chiavenato e Sapiro (2003), sua função é cruzar as oportunidades e as ameaças externas à organização com seus pontos fortes e fracos, assim como, foi aplicada a árvore de problemas com o objetivo de relatar a principal dificuldade que os associados (as) enfrentam.

A pesquisa foi avaliada e aprovada no dia 12/03/2023 pelo Comitê de ética em pesquisa, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, CAAE: 64970222.10000.0249. Apresentou como riscos; risco de constrangimento do entrevistado, por achar que não sabe responder perguntas do questionário; risco de transmissão do vírus da COVID-19, no entanto foi utilizada as medidas indicadas pelo Ministério da Saúde, como a utilização de máscaras, álcool 70% e apresentação do cartão de vacina atualizado, pela pesquisadora.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Associação Comunitária da Mombaça

Como consta em ata a Associação Comunitária da Mombaça surgiu dia 14 de outubro de 1981, em assembleia composta de 21 agricultores, foi aprovado o estatuto e escolhida a primeira direção. Em 15 de outubro de 1981, foi realizado o registro em cartório da constituição da Associação, após devido registro, a comunidade passa por grande desenvolvimento, onde adquirem benefícios, como: posto telefônico, posto médico, acesso a água, a área de terra, a casa de farinha e outros bens que compõem o patrimônio da Associação e da comunidade, sem esquecer participaram de muitas políticas públicas e sociais que vieram

beneficiar aos moradores da comunidade, como também de outras regiões. Segundo Fung (2003), as associações podem contribuir para socialização cívica e para educação política, na medida em que afetam atitudes e comportamentos dos indivíduos indicando virtudes cívicas como atenção ao bem público, cooperação, tolerância, respeito ao próximo e ao estado de direito. São importantes catalisadores para lutar pelos interesses da comunidade onde os cidadãos participam das tomadas de decisões para soluções das necessidades em comum, unindo as pessoas em prol do bem comum.

Foram realizadas oficinas, cursos de capacitação, formação de novas lideranças na comunidade. A administração da Associação se faz através de uma diretoria eleita de acordo como estatuto para o período de 04 anos, através de eleição realizada por convocação de associados, tendo a participação daqueles que estão quites com suas obrigações.

Atualmente, o quadro de sócios é composto de 71 sócios ativos, sendo 44 mulheres e 27 homens, tendo como presidente o Sr. Ailton dos Santos Barbosa, como secretária Natiele Silva dos Santos e tesoureira Claudineia de Araújo Andrade Santos, que foram eleitos no ano de 2021 e encerram em 2025, abaixo (Figura 2) podemos observar a Associação Comunitária de Mombaça.



Figura 2. Foto da fachada da Associação Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, 2023.

Foi aplicada a ferramenta participativa FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) para análise, como pode ser observado na figura abaixo (kll).



Figura 3. Momento da aplicação da ferramenta FOFA, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.

Participaram desse momento dezoito associados (a) que interagiram relatando os aspectos relacionados à Associação para construção da FOFA (Tabela 1). Durante a discussão os associados e associadas informaram que as **forças** que estão relacionadas aos pontos fortes da associação, como na melhoria de renda, na diminuição de custo na fabricação da farinha de mandioca, onde muitos não tinha um retorno financeiro significativo, com a execução do projeto da casa de farinha, foi criado um grupo de mulheres que têm um papel importante na comunidade com perspectiva de promover ações de desenvolvimento de atividades voltadas ao aproveitamento, beneficiamento e comercialização dos produtos derivados da mandioca, com o objetivo de garantia de fonte de renda para suas famílias.

Esse grupo é formado por dezoito mulheres que participaram de oficinas, atividades de intercâmbio para a partir dos produtos derivados da mandioca, fossem feitas receitas de sequilhos, pastéis, bolo, entre outros produtos, utilizando como base a mandioca e seus derivados. Estes produtos são colocados em feiras agrícolas, como também realizam demonstrações em eventos promovidos pelos parceiros do Projeto da Casa de Farinha.

Com a realização dessas atividades, permitiu-se às mulheres a melhoria da qualidade dos seus produtos, possibilitando a inclusão e a utilização também na merenda escolar das

escolas municipais e algumas do controle estadual, hoje o grupo diminuiu e ainda continuam produzindo, restando apenas oito mulheres, os produtos também são distribuídos na prefeitura, dentro do programa do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar)

Sendo assim, como **oportunidades** os agricultores citaram a qualidade do produto em seu destino final para comercialização, a valorização da mão-de-obra que possibilitou a diminuição do trabalho árduo e despesas financeiras, agregou na integração dos mesmos valorizando a autogestão, como os maquinários para o funcionamento da casa de farinha. Contudo, os associados argumentaram sobre algumas as barreiras impostas (como **fraquezas**), uma delas é a falta de capacitação para utilizar os maquinários da casa de farinha para diminuir a danificação, pois o único responsável e apto em ensiná-los a manusear veio a óbito poucos dias depois do início do curso, a falta de empenho de alguns associados foi apontado como limitações no desenvolvimento do grupo e o custo alto na manutenção dos maquinários, que por conta da falta de capacitação vem quebrando frequentemente, eles alegam que é necessário um forneiro fixo para evitar essas situações, que se unem as ameaças das estradas cheias de buracos para chegar até a casa de farinha, a energia de pouca potência que faz ter quedas de energia frequentes quando os maquinários estão ligados gerando a alta possibilidade de queimar os equipamentos e o preços elevados dos insumos. Seria de grande relevância eles terem um apoio dos órgãos públicos, como da secretaria de agricultura para evitar determinadas situações, como um curso para qualificar-los a manusear os maquinários da forma correta, a secretaria de infraestrutura realizar a manutenção das estradas e solicitar a empresa responsável pela rede elétrica uma assistência adequada para casa de farinha.

Tabela 1. Resultado da aplicação da ferramenta FOFA, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.

FORÇAS	OPORTUNIDADES
<ul style="list-style-type: none"> ● Melhoria de renda ● Diminuição do custo ● Inovação ● Criação do grupo de mulheres 	<ul style="list-style-type: none"> ● Valorização da mão-de-obra ● Qualidade ● Integração ● Novas tecnologias
FRAQUEZAS	AMEAÇAS
<ul style="list-style-type: none"> ● Falta de Capacitação 	<ul style="list-style-type: none"> ● Estrada

- Falta de empenho
- Manutenção

- Energia
- Preços dos insumos



Figura 4. Momento de interação durante a aplicação da ferramenta FOFA, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.

Vale evidenciar também a importância da organização da comunidade da Mombaça, que nesse caso, se organizaram como associação para a implantação da casa de farinha na comunidade, podemos observar que é valioso uma comunidade organizada, pois assim ela tem condições de buscar o seu desenvolvimento, com melhoria da qualidade de vida, conquista de meios de garantir o acesso às políticas públicas, promover ações para atender as necessidades básicas do povoado. A organização se faz através da participação dos moradores na associação, participação em reuniões e outras atividades que podem ser desenvolvidas.

5.2. ÁRVORE DE PROBLEMAS

Foi aplicada a árvore de problemas, em uma das reuniões da Associação Comunitária da Mombaça; essa metodologia possibilita a investigação de problemas da associação/comunidade. Essa metodologia é composta por diagramas que analisam um

problema do ponto de vista das causas que o criam e tem como objetivo encontrar as causas dos problemas para desenvolver projetos que os eliminem (CORAL et al., 2009).

Não obstante sua repercussão elevada, a Árvore é uma ferramenta simples, fácil de ser utilizada e apresenta vantagens em relação a outras metodologias, principalmente devido ao fácil manuseio, pelo fato de se adequar aos diversos ambientes, contextos e áreas de atuação, além do melhor desempenho no processo de identificação da causa raiz, fundamental para qualquer método de solução de problemas (ORIBE, 2012).

Em seu enfoque aos problemas, a Árvore de Problemas contribui na determinação do foco da intervenção, podendo ser definida como uma metáfora, em que a ilustração gráfica mostra a situação-problema representada pelo tronco, as principais causas são representadas pelas raízes e os efeitos negativos que ela provoca na população-alvo do projeto são os galhos e folhas. A metáfora da árvore auxilia a visualização das fases de construção dessas ferramentas/instrumentos, embora não se utilize a representação gráfica da árvore, propriamente dita, pois sua estruturação se dá por meio de um organograma (BUVINICH, 1999).

No momento da aplicação da metodologia “árvore de problemas” na Associação Comunitária de Mombaça, participaram dezenove associados (às) que relataram o problema, as causas e seus efeitos.

O tronco da árvore foi escolhido o problema central, no qual destacaram a falta de empenho das pessoas participarem com frequência das reuniões e ações da Associação; a parte superior são destacadas as consequências geradas pelo problema e que afetam a qualidade do trabalho, onde eles citaram que geram desinformação, falta de qualificação, ou seja, curso para instruí-los a utilizar os maquinários, perdas de benefícios gerada pela falta de qualificação e, já a raiz do problema destacaram a que as pessoas não se disponibilizam a participar das reuniões mensalmente causando a falta de compromisso com a comunidade.

Um esboço do resultado da aplicação da metodologia “árvore de problemas” pode ser visto no desenho abaixo:

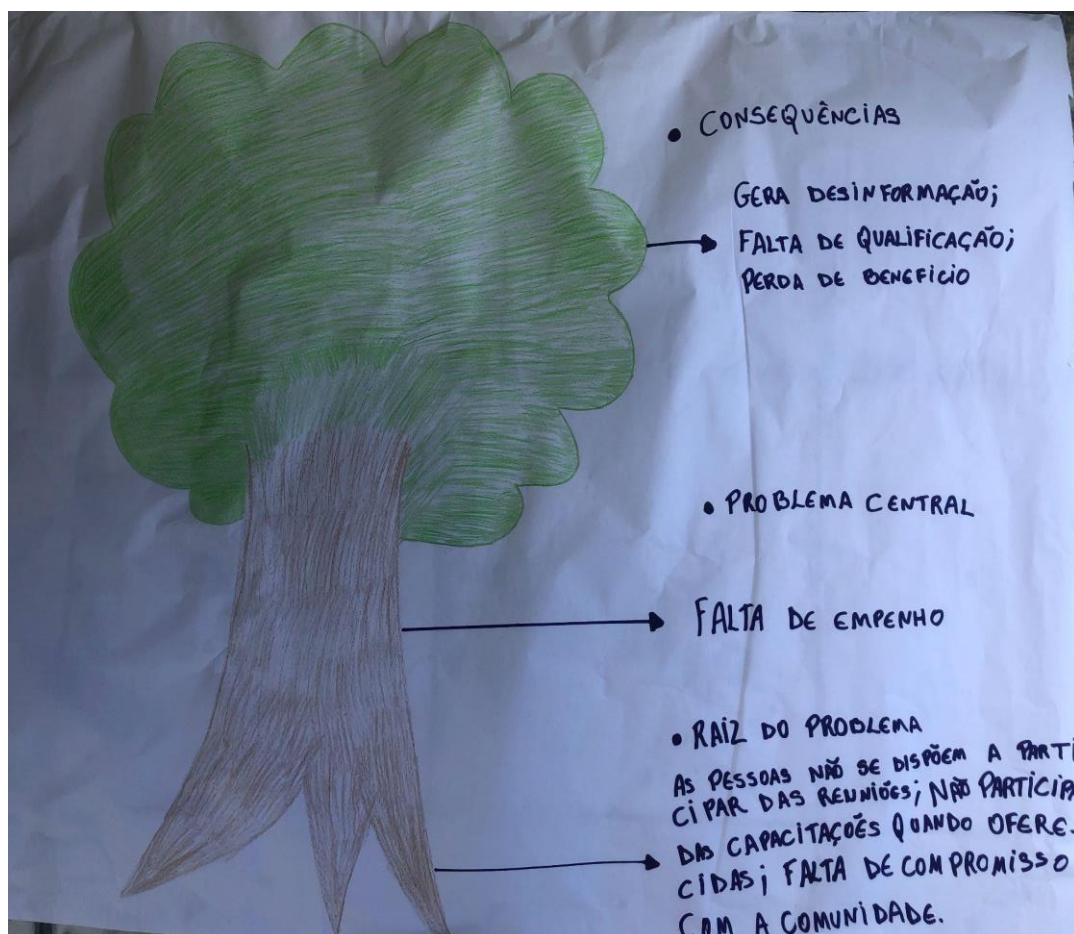


Figura 5. Esboço do resultado da aplicação da árvore de problemas na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, 2023.



Figura 6. Momento de interação durante a aplicação da Árvore de Problemas, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.



Figura 7. Momento de interação durante a aplicação da Árvore de Problemas, na Associação Comunitária da Mombaça. Serrinha, 2023.

5.3 Casa de Farinha Comunitária da Mombaça

“Antes”

Antes de existir a Casa de Farinha Comunitária da Mombaça, os agricultores e agricultoras produziam a farinha de mandioca de forma artesanal nas casas de farinhas particulares, com equipamentos rústicos no qual ainda era necessário muito esforço braçal. De acordo com o presidente da Associação *“... todo o processamento da casa de farinha era realizado nas casas de farinha particulares existentes na comunidade, de forma artesanal, com chegada das máquinas melhorou muito o processamento, não durante os últimos anos, a região sofreu uma queda na produção de mandioca e afastou muitos produtores dessa cultura, por motivos diversos, como por exemplo encarecimento dos insumos, dificuldades para comercialização, entre outros, ocasionando o abandono de muitos e principalmente com os jovens que buscam outros tipos de renda. Independente disso, foram vistos que os usos das máquinas diminuíram os custos da produção da farinha, isso depois que passamos a utilizar a máquina de raspar mandioca, que está sendo muito importante na produção, pois depois da sua utilização, tivemos um grande avanço no processamento da farinha, reduzindo tempo, mão de obra e melhoria na qualidade do produto final. ”*

5.4 Casa de Farinha Comunitária da Mombaça

“Depois”

A Casa de Farinha, de acordo com o Sr. Ailton, presidente da Associação e entrevistado, foi pensada *“...a partir da necessidade de expandir e explorar a cultura da mandioca que era muito forte na região, dando oportunidade de melhoria da renda familiar das pessoas que viviam e trabalhavam com essa cultura. ”* Ainda, de acordo com o entrevistado, *“...já existiam outras casas de farinha, mas eram particulares...”* sendo esse um dos motivos para que a Associação buscasse apoio para implantação do projeto de uma casa de farinha moderna. Como já dito anteriormente uma casa de farinha particular é utilizada por parentes mais próximos (pai, filhos e primos) que as diferenciam das casas de farinhas comunitárias na qual não têm um dono específico, tornando-se de uso coletivo da comunidade.



Figura 8. Fachada da casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

Com a implantação da casa de farinha comunitária de Mombaça os usuários (a) passaram a produzir de modo mais rápido onde passavam duas semanas para fazer uma carreta de trator tendo a necessidade de quinze pessoas, na casa de farinha comunitária é possível fazer em dois dias apenas com quatro pessoas.

A casa de Farinha Comunitária da Mombaça é composta por oito maquinários para fazer a fabricação da farinha de mandioca, cada um tem sua determinada função para obter o produto final, após ser retirada do solo o primeiro passo a ser feito ao chegar na casa de farinha é passar pelo descascador de mandioca, em seguida pelo ralador automático, prensa hidráulica, posteriormente a secagem irá para o forno mecanizado, cochos de armazenagem e por fim, a peneira elétrica para assim então está pronto para o ensacamento e ser comercializada e consumida, a casa de farinha também tem outros maquinários como o Desintegrador (moinho) e extrator de goma para fabricação da fécula da mandioca, abaixo podemos ver a descrição de cada maquinário.

Segundo os entrevistados, todos são associados e relataram que têm benefícios quando fazem a utilização da casa de farinha, como no custo, que podem ter um retorno financeiro

considerado justo com o trabalho, juntamente com a valorização da agricultura familiar, na qualidade do produto e valorização dos derivados da mandioca, vale salientar que 100% dos associados produzem a própria mandioca e quando a fazem na casa de farinha comunitária da Mombaça, pagam 12 litros de farinha por cada saco, e os não associados pagam 15 litros por saco para manter os custos que a organização gera, como água, luz e outros.

Sendo assim, todos os entrevistados argumentaram que a casa de farinha é de grande importância para a comunidade, oportunizando os agricultores da região a fabricarem de forma mais rápida e menos trabalhosa, foram questionados qual era a opinião da casa de farinha para a comunidade e segundo eles *“Um projeto que veio aliviar o sofrimento dos agricultores, com os maquinários aliviou 70% da mão de obra deixando um lucro melhor para o agricultor”*, outro entrevistado citou, *“Foi o melhor projeto do governo federal com seus parceiros na implantação para dar uma qualidade nos derivados da mandioca e agregar valor”*.

O presidente da associação, Sr. Ailton também mencionou que *“Considero um equipamento de grande valor para a comunidade, que precisa mais ser valorizado pelos moradores da comunidade, com o propósito de estarmos buscando desenvolver além dessas atividades como também buscar outros tipos de projetos como formas de sustentabilidade individual e coletiva. Através da conscientização e formação podemos melhorar e dar uma resposta para o desenvolvimento da comunidade. Acredito que se fizermos uma boa gestão do empreendimento, vamos obter resultados que possam ajudar na geração de renda da comunidade e valorizando o produto da região.”*, diante dos argumentos, fica evidente o quão a casa de farinha veio a agregar na comunidade para aqueles que se beneficiam e produzem a matéria prima.

É possível visualizar (Figura 9) o descascador de mandioca construída com eixo de aço e orifícios onde entram água para lavar a mandioca formando um tambor giratório de 300 litros, suportando até uma carroça de mandioca de uma só vez. Devido às raízes terem formas variadas e irregulares, durante o processo de lavagem descascamento, elas ainda podem apresentar película e terra, por isso, após a lavagem, faz-se um repasse manual, para limpá-las e para eliminar os pedaços de cascas e partes danificadas (BEZERRA, 2006).



Figura 9. Descascador de mandioca, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R.Serrinha, Bahia, 2023.

As raízes podem ficar sujas novamente durante o processo de descasque manual, e por isso é necessário que haja uma lavagem acompanhada do molho em água clorada, evitando também o aparecimento de bactérias (ARAUJO; LOPES, 2009).

A água residual do processo de lavagem resulta em um efluente líquido com presença de manipueira, que deverá ser separado da rede de drenagem destinada à recuperação do amido em tanques de sedimentação (CHISTÉ; COHEN, 2006).

A prensagem consiste em eliminar o excesso de água presente nas raízes após a ralação, e deve acontecer logo após a trituração para impedir a fermentação e o escurecimento da farinha (CHISTÉ; COHEN, 2006).

Esse processo pode ser realizado por meio de prensas manuais ou hidráulicas (Figura 10), em que em ambos a massa é acondicionada dentro de recipientes e comprimida para ser retirado o excesso de água e facilitar o processo de torração (ARAUJO; LOPES, 2009).



Figura 10. Prensa hidráulica, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

Já a peneira elétrica (Figura 11) faz a separação de impurezas da farinha deixando pronto para o uso ou comercialização



Figura 11. Peneira elétrica, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

A função do desintegrador (Figura 12), também chamado de moinho (Figura 12), é de moer a crueira e fazer uma farinha de qualidade para consumo



Figura 12. Desintegrador (moinho), na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

A trituração é feita para que as células das raízes sejam rompidas, liberando os grânulos de amido e permitindo a homogeneização da farinha (CHISTÉ; COHEN, 2006).

O ralador automático na qual tem a finalidade de empurrar a matéria prima para os cilindros, eliminando totalmente os riscos de acidentes ao operar a máquina.

Depois de repinçadas as raízes são levadas para os raladores (Figura 13), para serem reduzidas a uma massa. É importante que o tambor esteja bem regulado, para que a massa apresente partículas uniformes e íntegras (BEZERRA, 2006). Na



Figura 13. Ralador automático, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

Os torradores (Figura 14) mais comuns são providos de uma chapa plana de ferro, aquecida a fogo direto. Sobre uma fornalha cilíndrica, de baixa altura, coloca-se uma chapa circular giratória, movimentada por um eixo vertical acionado por um sistema motor próprio (EMBRAPA, 2006). Segundo Bragança (2010) nesta chapa aquecida, faz-se a distribuição uniforme de finas camadas de massa ralada esfarelada, úmida, por meio do distribuidor mecânico provido de peneira vibratória.



Figura 14. Forno elétrico, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

Os cochos (Figura 15) para armazenagem de farinha antes de serem colocados nos sacos para comercialização.



Figura 15. Cochos para armazenagem, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

O extrator de goma, na qual a mandioca depois de moída a decantação da água de lavagem, que depois de desencantada é extraída da fécula que conhecemos como goma popularmente. (Figura 16)



Figura 16. Extrator de goma, na Casa de Farinha Comunitária da Mombaça. Fonte: CARVALHO, R. Serrinha, Bahia, 2023.

A partir das figuras podemos observar a modificações depois da inserção da casa de farinha comunitária de Mombaça, os maquinários e cada função deles, para que assim os produtores fabriquem o seu produto da melhor forma, menos cansativa e com a qualidade que os mesmos desejam.

5.5 Gestão da Casa de Farinha Comunitária da Mombaça

Em entrevista realizada com o presidente da Associação, o mesmo explicou que *“a administração está sob a responsabilidade da Associação Comunitária de Mombaça, que através da sua diretoria faz a gestão do empreendimento, contando como um colaborador que ajuda no desenvolvimento das atividades, verificando os materiais necessários na manutenção e fazendo o controle das pessoas que utilizam a casa de farinha.”* Como visto em sala de aula, a gestão está relacionada em ações para atingir um determinado objetivo de forma eficaz, valorizando as pessoas que contribuem na organização para que metas sejam alcançadas e que possam obter resultados socioeconômico mútuos, com isso, fica nítido ao dialogar com os associados que eles estão seguindo esse propósito na prática, utilizando a autogestão para produzir e desenvolver atividades de forma democrática, ou seja, a gestão participativa é uma forte característica do grupo onde todos estão cientes de tudo.

Alguns usuários/as da Casa de Farinha Comunitária da Mombaça, informaram no questionário que utilizam a casa de farinha entre uma vez ano e seis vezes ano, um dos entrevistados relatou como era feito o processamento da farinha antes da chegada das máquinas *“... Era uma casa de farinha sem qualidade e as demandas não correspondiam aos agricultores, perdia os produtos na roça...”*

Os trabalhos são diferentes entre homens e mulheres, de acordo com um dos entrevistados *“... Sim, porque o homem fica responsável pelos maquinários da raspadeira e do forno elétrico, já as mulheres ficam para lavagem e limpeza das mandiocas e também da cevadeira”*, considerando que a raspadeira e forno elétrico necessitam um pouco mais de força para execução, já a lavagem e a parte da cevadeira torna-se menos cansativa, eles citaram vários pontos para serem melhorados, como a venda do produto na comunidade, mais participação das pessoas, zelo pelo ambiente adquirido, melhorar a rede elétrica que é de fraca potência, outros associados se envolverem mais e melhoramento nas estradas para o escoamento da produção.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa propôs conhecer o antes e depois da chegada da Casa de Farinha Comunitária da Mombaça; de que forma a chegada da Casa de farinha afetou a vida dos usuários e o papel da Associação da Mombaça na aquisição e na gestão da Casa de Farinha Comunitária.

A partir dos dados levantados por meio das entrevistas, análise FOFA e aplicação da árvore de problemas, é possível considerar que:

1. Antes da implantação da casa de farinha no povoado, a produção era feita de forma manual e em casas de farinhas particulares, com equipamentos antigos e que expunham riscos à vida de quem utilizava; além do mais, os agricultores não tinham um retorno financeiro de acordo com o trabalho feito para obter o produto final.
2. A casa de farinha agregou em vários fatores, como: na produção de forma acelerada otimizando o tempo e quantidade de pessoas para realizar o manuseio; os agricultores passaram a ter lucro justo na produção; além da criação do grupo de mulheres, no qual elas produzem alimentos derivados da mandioca e comercializam para programas, entre outros, como eles relataram na aplicação da matriz fofa, valorizou a mão de obra, qualidade, integração e a chegada de novas tecnologias.
3. Fica evidente que a Associação Comunitária de Mombaça é de suma importância para a comunidade e valorizada pelos associados que participam de forma direta, eles prezam pela organização do grupo para buscarem melhorias pelo povoado, ou seja, buscam novas oportunidades que possam atender o bem comum. O grupo utiliza a gestão participativa do jeito democrático, onde todos têm os mesmos direitos, questionam e dão novas ideias para melhorar e solucionar problemas buscando seus objetivos, usando como base a cooperação mútua, que está ligado a autogestão que segue os princípios de processos igualitários, diferente da heterogestão que está relacionada a administração onde as informações ocorrem de cima para baixo.

Vale salientar que o presente trabalho tem possibilidades de pesquisas futuras, como: Casas de farinhas espaço de tradição, cultura e patrimônio para uma investigação mais a fundo, também pode haver uma pesquisa de campo relacionada ao grupo de mulheres que produzem alimentos derivados da mandioca, para entender e ver de perto como elas produzem, e contribuir para o crescimento da equipe.

REFERÊNCIAS

Alves, T; Calvo, E. A AUTOGESTÃO E A HETEROGESTÃO: ABORDAGEM DE DUAS FORMAS DE GESTÃO NA CONTEMPORANEIDADE. [S.L.] P. 4, 2016.

CARDOSO, F. N. et al. Caracterização da farinha de mandioca comercializada no mercado Municipal em Campo Grande- MS. Ensaios e Ciências Biológicas Agrárias e da saúde, vol.16, num.5, 2012, pp.57-68 Universidade Anhanguera, Campo Grande, Brasil.

CRUZ, J. et. al. PROCESSAMENTO ARTESANAL DA FARINHA DE MANDIOCA NO VALE DO JURUÁ, ACRE: UM ESTUDO DE CASO 2. ed. Revista Conexão na Amazônia, 2012.

CARDOSO, F. N. et al. Caracterização da farinha de mandioca comercializada no mercado Municipal em Campo Grande- MS. Ensaios e Ciências Biológicas Agrárias e da saúde, vol.16, num.5, 2012, pp.57-68 Universidade Anhanguera, Campo Grande, Brasil.

DAGRAVA, G. Gestão Participativa: estudo de caso da Diretoria de Administração e Planejamento em uma instituição de ensino pública. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE, p. 68. 2017.

FILGUEIRAS, G. C.; HOMMA, A.K.O. Aspectos socioeconômicos da cultura da mandioca na região norte. cap. 01, pp 16-47; Cultura da mandioca, aspectos socioeconômicos, melhoramento genético, sistema de cultivo, manejo de pragas e doenças e agroindústria. Brasília, DF: Embrapa Amazônia oriental, 2016.

FREIRE, Paulo (2013, p. 22).

Gil, Antonio. Como Elaborar Projetos de Pesquisa, São Paulo: Atlas, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA; projeto padrão de casa de farinha com um forno unidade elétrica. Programa produzir 3. Versão novembro,2015. Disponível em <<https://doku.pub/documents/projeto-padrao-casa-de-farinha-com-um-forno-unidade-eletrica-oq1z8285n802>> Acesso em: 12 de janeiro de 2023.

Junior, A. et al. A GESTÃO PARTICIPATIVA EM ENTIDADES DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL NA PERSPECTIVA DE SEUS ASSOCIADOS, SEGUNDO O MODELO DE BORDENAVE: UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO PRESIDENTE VARGAS (FORTALEZA -CEARÁ), 2009.

Klechen, Cleiton; et al. Pilares para a compreensão da autogestão: o caso de um programa de habitação da Prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rap/a/3nkYRpGKmyFmHp4nSnWcfxd/?lang=pt&format=pdf>>

Acesso em: 24 de janeiro de 2023.

LEONELLO, J. o associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da economia solidária. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de História, Direito e Serviço Social, p. 17. 2010.

MESQUITA, J. S. et al. Análise micológica da farinha de mandioca vendida nas feiras do produtor na cidade de Macapá- AP. Revista ciência e sociedade, n2, jan/jun , 2017.

Marchi, JULIA, et al. O papel das Associações Comunitárias na promoção da confiança do cidadão em instituições públicas Administração Pública, vol. 13, núm. 3, 2021.

Oliveira, Renata. CASAS DE FARINHA: RESISTÊNCIA E TRADIÇÃO NO MACIÇO DO BATURITÉ. Revista GeoNordeste, São Cristóvão, n. 2, Edição Especial, jul./dez. 2019.

Oliveira, Cecília. Projeto de Intervenção associado à Árvore de Problemas: Metodologia para elaboração do Projeto de Intervenção (PI). [s.l.] p. 5-6, s.d.

RIGO, Ariádne Scalfoni. Autogestão. In: BOULLOSA, Rosana de Freitas (org.). Dicionário para a formação em gestão social. Salvador: CIAGS/UFBA, 2014. p. 21-23.

Santos, M.; Oliveira, Verônica. CASAS DE FARINHA: ENLACE ENTRE O TRABALHO FEMININO, A TRADIÇÃO E A HISTORIA DE UMA COMUNIDADE. Docplayer, Disponível em: <https://docplayer.com.br/11092648-Casas-de-farinha-enlace-entre-o-trabalho-feminino-a-tradicao-e-a-historia-de-uma-comunidade.html>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2023.

Singer, Paul. Introdução à Economia Solidária / Paul Singer – 1ª ed. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Silva, A. et al. A Utilização da Matriz Swot como Ferramenta Estratégica – um Estudo de Caso em uma Escola de Idioma de São Paulo, [s.d.].

SOUZA, J.M.L. et al. Potencial da IG da farinha de mandioca de Cruzeiro do sul- Rio branco, Acre. Cadernos de prospecção, vol. 08, n1, p.182-191. 2015 (Embrapa Acre, Rio Branco).

Vitelli, Rafaela; et al. Processo de produção de farinha de mandioca seca. IX encontro de engenharia de produção agroindustrial (IX EEPA), 19 e 20 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/anais/ix_eepa/data/uploads/5-engenharia-do-produto/5-04.pdf>
Acesso em: 13 de janeiro de 2023.

ANEXOS

ANEXO A

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO PARA O PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO

1. COMO E QUANDO A CASA DE FARINHA FOI CRIADA?
2. QUEM ADMINISTRA A CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA? COMO É A GESTÃO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA?
3. COMO ERA O PROCESSAMENTO DA FARINHA, ANTES DA CHEGADA DAS MÁQUINAS?
4. POR QUE OPTARAM POR UMA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA?
5. A ASSOCIAÇÃO FOI IMPORTANTE NO PROCESSO? DE QUE FORMA?
6. QUANTAS PESSOAS SÃO BENEFICIADAS? E QUANDO ERA ARTESANAL, QUANTAS PESSOAS ERAM BENEFICIADAS? ISSO MUDOU MUITO?
7. COMO É A DIN MICA DE USO DA CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA?
8. OS ASSOCIADOS TÊM VANTAGENS OU BENEFÍCIOS NO USO? QUAL OU QUAIS?
9. O QUE AS PESSOAS PRECISAM FAZER PARA TER ACESSO A CASA DE FARINHA?
10. TRABALHA HOMENS E MULHERES? OS TRABALHOS SÃO DIFERENTES? COMO É ESSA DIVISÃO?
11. VOCÊS TÊM PLATAFORMA DIGITAL PARA DIVULGAR SOBRE A CASA DE FARINHA? ALGUMA REDE SOCIAL?
12. QUAL A RELAÇÃO DA COMUNIDADE COM A CASA DE FARINHA?
13. O QUE VOCÊ ACHA QUE PODE MELHORAR?
14. SEGUE O PADRÃO DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA? (PESQUISAR COMO É ESSE PADRÃO)
15. QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A CASA DE FARINHA DA COMUNIDADE?

ANEXOS B

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO PARA OS USUÁRIOS E USUÁRIAS DA CASA DE FARINHA

1. COMO ERA O PROCESSAMENTO DA FARINHA, ANTES DA CHEGADA DAS MÁQUINAS?
2. QUANTAS VEZES NO MÊS OU NO ANO VOCÊ UTILIZA A CASA DE FARINHA?
3. OS ASSOCIADOS TÊM VANTAGENS OU BENEFÍCIOS NO USO? QUAL OU QUAIS? Você é ASSOCIADO (A)?
4. VOCÊ PRODUZ A MANDIOCA QUE TRAZ PARA PROCESSAR OU COMPRA DE OUTRO AGRICULTOR
5. OS TRABALHOS SÃO DIFERENTES PARA HOMENS E MULHERES? COMO É ESSA DIVISÃO?
6. VOCÊ ACHA IMPORTANTE A CASA DE FARINHA COMUNITÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE?

7. O QUE VOCÊ ACHA QUE PODE MELHORAR?
8. QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE A CASA DE FARINHA DA COMUNIDADE